

Atualização científica

Esta seção destina-se à apresentação de resumos e comentários de artigos científicos recentes

MACKLIN R. *The new conservatives in bioethics: who are they and what do they seek?*

Hastings Center Report 2006;36(1):34-43.

Uma recém estabelecida revista científica, *The New Atlantis: A Journal of Technology & Society*, por um novo grupo de bioeticistas, até então desconhecidos, está tentando lançar um movimento político dentro da bioética. Esse movimento, auto-intitulado "conservador", deseja ser proposital e pretensamente distinto dos demais já existentes, escrevendo e discutindo bioética de uma maneira nova. O artigo de Ruth Macklin, aqui exposto, procura apontar quem são e o que procuram esses "bioeticistas conservadores".

O novo movimento critica a bioética atual, que considera apenas uma "corrente principal" da bioética (chamada por eles de *mainstream bioethics*). A bioética, nos dias de hoje, se preocupa com questões que vão desde o suporte de vida a pacientes terminais até pesquisas com células-tronco. Os temas relacionados com avanços biotecnológicos são alvos de crítica dos "conservadores". Seus argumentos e justificativas são frágeis, considerados, pelo mundo científico, como espiritualizados, místicos e emocionais.

Os bioeticistas "conservadores" têm, como principal objetivo, a crítica ao trabalho dos outros profissionais da área, considerados como "liberais", ou seja, todos aqueles pertencentes à "corrente principal" da bioética. Ademais de se intitularem como movimento "conservador", promovem a taxaço de "liberal" aos que defendem o diálogo e o pluralismo moral na discussão de temas relacionados à biotecnologia. Além de desconsiderarem as bases conceituais da bioética, já bastante consolidadas, utilizam rótulos de origem política, merecedores de críticas quanto a sua consistência.

Macklin toma como referência um dos nomes mais conhecidos da bioética, Daniel Callahan, do Hastings Center de New York, instituto responsável pela publicação da revista *Hastings Center Report*. Cal-

lahan, quando analisado pelo ponto de vista de suas críticas ao uso de embriões, poderia ser considerado um "conservador", mas, quando analisado sob a ótica de sua defesa da universalização do acesso à saúde, assim como da livre escolha em relação ao aborto, seria considerado um "liberal". Percebe-se pelo exemplo, portanto, que os bioeticistas não podem ser simplesmente rotulados por meio da generalização a partir de um ou dois pontos de vista.

O próprio Daniel Callahan tece críticas ao termo conservador no editorial do mesmo número da revista que publicou aquele artigo. Para ele, misturar posições bioéticas e políticas não faz nenhum sentido, pois uma pessoa considerada politicamente conservadora pode, ao mesmo tempo, apoiar a Guerra no Iraque - defendida pelo Partido Republicano estadunidense de George W. Bush - e defender o uso e as pesquisas com células-tronco (1). Segundo Callahan, tais "conservadores" estão tentando utilizar um campo de discussão neutro, neste caso, o da bioética, para conseguir apoio político.

Para Ruth Macklin, os variados temas englobados pelo campo de atuação bioética quase sempre suscitam opiniões conflitantes entre as pessoas. Encontrar alguém que seja contra certos avanços biotecnológicos não é nenhuma novidade. Organizações como a Rede Feminista Internacional de Resistência à Engenharia Reprodutiva e Genética (*Feminist International Network of Resistance to Reproductive and Genetic Engineering*) é um belo exemplo, pois faz oposição aos avanços biotecnológicos e já existia muito antes do surgimento dos ditos conservadores.

A aparição dessa "nova" bioética "rotuladora" pode ser explicada pela atual liderança, tanto na esfera legislativa quanto na executiva, da porção mais radical do Partido Republicano na política norte-americana. O Partido Republicano tem atenção especial para com as questões médicas e biotecnológicas, as quais considera prioridade em sua agenda. Os membros do Partido são considerados "politicamente conservadores", possuindo posições retrógradas e críticas em relação a questões que envolvem procriação, vida intra-uterina e utilização embrionária.

Segundo Macklin, além do suporte político já existente, essa nova corrente bioética também vem ganhando adeptos de outras áreas de atuação, como jornalistas, acadêmicos e intelectuais, pessoas que

exercem forte influência na opinião pública. Apesar da origem política do termo "liberal", dentro da bioética, este acabou assumindo um significado diferente. As pessoas que defendem esse movimento "conservador" estão, na verdade, defendendo por acreditarem que seja algo que vá contra a tudo aquilo seria "socialmente pernicioso", como o processo de "artificialização" da vida e da medicina, advindo de avanços biotecnológicos.

Ainda segundo a autora uma das figuras "conservadoras" que tem assumido destaque na política norte-americana é o bioeticista Leon Kass, indicado pelo Presidente George W. Bush para liderar o Conselho Presidencial de Bioética dos Estados Unidos (President's Council on Bioethics). Kass tem sido um dos maiores oponentes ao avanço tecnológico na área médica, pregando a necessidade de voltarmos a ter uma "ciência mais natural". Estranho é que o referido bioeticista possui uma filha que foi gerada graças ao uso de uma técnica de fertilização *in vitro*; mesmo assim, continua com suas críticas ao uso dos avanços na medicina.

O que se vê surgir aqui, não é um novo ponto de discussão bioética, mas sim, um novo ponto merecedor de críticas inserido na pauta bioética. Pessoas política ou religiosamente radicais, não abertas ao diálogo, não podem simplesmente tentar impor, no campo da bioética, argumentações preconceituosamente proibitivas. A bioética deve fornecer ferramentas neutras de análise e discussão dos dilemas morais - os quais não podem ser reduzidos a interesses pessoais. A discussão bioética também deve respeitar o pluralismo moral e a não-universalização de seus princípios, repudiando quaisquer tentativas de construção de um imperialismo moral.

Dizer simplesmente "não" ao avanço na biotecnologia não deve ser confundido com a luta por evitar abusos nas pesquisas científicas. É válida a afirmação de que ainda ocorrem violações éticas nas pesquisas, mas esse não é o foco de argumentação dos "conservadores". É preciso deixar bem claro que esta corrente não se preocupa com a justiça ou com os possíveis abusos a sujeitos de pesquisa. Para os "conservadores", o que importa é a violação à moral religiosa, pois procuram, como os mesmos dizem, "prevenir nossa transformação em uma cultura sem indignação, cheia de pessoas sem alma".

Desta forma, observa-se que o movimento "conservador" não tem

nada de novo e de bioético. Posições unilaterais e imperialistas, dentro da bioética, já perderam seu espaço. Os "conservadores" ignoram a epistemologia da bioética, além de possuírem argumentações frágeis, como criticar o aborto alegando que "uma criança é um presente de Deus". Os termos "conservador" e "liberal" não definem claramente o que pretendem representar, mas apenas transpõem a dicotomia básica do universo político estadunidense, estabelecendo generalizações equivocadas que não retratam, nem de longe, a realidade. A bioética pode ser uma boa fonte de ferramentas para discussões políticas, mas o contrário deve acontecer com certa cautela.

Letícia Erig Osório de Azambuja

Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

leterig@uol.com.br

Referência

1. Callahan D. Bioethics and ideology. *Hastings Center Report* 2006; 36(1). p. 3.